

13 JAN 1996

# As crianças e os Mamonas



**A liberdade de expressão é uma conquista clara da civilização**

O fenômeno de vendas do grupo Mamonas Assassinas em 1995 normalmente não mereceria nenhuma linha nesta página. Todos os anos se produz uma quantidade razoável de lixo cultural, que pode provocar algum furor, render alguns milhões, mas depois passa, sem maiores consequências. Mas o caso dos Mamonas é diferente. Não que eles deixaram de apodrecer, assassinados pelo tempo — aliado implacável da qualidade! É que a sua relação com as crianças deveria preocupar as cabeças pensantes.

Parece que a maioria dos adultos acha normal, corriqueiro, ou ao menos inevitável, que todas as crianças brasileiras saibam de cor e salteado as músicas desse grupo. As reações variam desde a clara e deslavada adesão à baixaria, por parte de pais, parentes e professores, até a afirmação de impotência por parte de outros, constrangidos e descontentes. Mas o denominador comum é a indiferença e a inconsciência diante da gravidade do fato.

Tudo o que a criança inspira, pelos poros da sensibilidade — músicas, imagens, palavras, exemplos, vivências, emoções —, tudo se impregna em seu espírito, forma ou deforma sua mente,

sua personalidade, sua visão de mundo. Nada passa por ela sem deixar alguma marca. Aquilo, então, que é repetido mil vezes por dia, escutado a toda hora, visto na TV e compartilhado com os amigos ganha largo espaço em seu mundo interno. Ora, que *imput* poderá lhe trazer essa visão grosseira do sexo, esse mau gosto de imagens, esse aviltamento das palavras e esse brega antimusical praticado pelos Mamonas?

Não suponha o leitor que aqui haja a defesa da censura. A liberdade de expressão é uma conquista clara da civilização. Se os que usufruem essa liberdade não o fazem com responsabilidade social, terão de se haver com sua consciência — se é que ainda a têm. Mas ninguém é obrigado a lhes suportar os abusos. Além de existir sempre a possibilidade de desligar a TV, de não comprar um CD, de mudar a estação de rádio, há ainda leis específicas regulando a liberdade de expressão e o respeito à infância.

No Estatuto da Criança e do Adolescente, todo ele feito num elevado espírito de compreensão da criança, como pessoa humana em desenvolvimento, há artigos claros a respeito. No capítulo II, do título III, lemos, por exemplo

(artigo 76): “As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto-juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas.” Mais adiante, está no artigo 79 que todas as publicações destinadas a crianças “deverão respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família”.

Porém, mesmo com o respaldo da lei, os pais abdicam de sua função de educar a criança e zelar por ela. Sem dúvida, essa educação não deve ser exercida de forma autoritária, como era no passado, na base de chinelo e proibições taxativas. O diálogo, o acompanhamento, a compreensão fazem parte do processo. Mas pais e educadores têm o dever moral de se opor ao autoritarismo lucrativo dos produtores de uma subcultura irresponsável.

Quem conhece de perto os métodos de veiculação de músicas em emissoras de rádio e TV sabe quanto existe de manipulação comercial e de imposição ao público. Os sucessos não obedecem simplesmente ao gosto popular. Eles são produzidos por uma máquina lucrativa poderosa. O público se acostuma: acaba gostando do que lhe impõem hipnoticamente, num bombardeamento ininterrupto. Isso é tanto mais verdade em se tratando de crianças. Elas não têm ainda defesas psíquicas, críticas e culturais para resistirem a essa moldagem forçada.

Antigamente, havia consenso geral de que a infância devia ser protegida de ingerir elementos nocivos à sua formação.

(Esse consenso se reflete nas leis mais modernas a respeito da infância, como é o caso do nosso estatuto.) Houve um tempo em que até prostitutas punham filhos em colégios religiosos, para oferecerem uma educação superior ao meio em que viviam. Obviamente, não se deve advogar a volta ao puritanismo hipócrita do passado. Mas os extremos são sempre maus conselheiros.

Vivemos hoje um radicalismo em que a simples enunciação da palavra “moral” provoca arrepios. Entretanto, é inegável que o ser humano tem uma dimensão moral. E a formação desse aspecto no indivíduo passa pelo que é nobre, belo, elevado, digno, justo e bom. Quando deixamos a criança consumir à vontade o que é bizarro, feio, degradante e desonesto (e haverá maior desonestidade que explorá-la comercialmente, sem consideração à sua condição de pessoa em desenvolvimento?), estamos contribuindo para que ela deforme seus padrões de ética e de estética.

Para as crianças brasileiras que cantam os textos dos Mamonas Assassinas, o grupo não será apenas mais um excremento cultural, enterrado pelo tempo. O conteúdo grosseiro vai deixar marcas em muitas cabecinhas. E os adultos de hoje, coniventes e apáticos, que perderam a consciência pedagógica e o respeito à infância, colherão amanhã os frutos imprevisíveis dessa distorção.

■ Dora Incontri é jornalista, escritora e educadora